

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	7
1 Levando a fé a sério.....	15
2 Levando a doutrina a sério	33
3 Levando a unidade cristã a sério.....	51
4 Levando o arrependimento a sério	71
5 Levando a igreja a sério	91
6 Levando o Espírito Santo a sério	113
7 Levando o batismo a sério	135
8 Levando a ceia do Senhor a sério	155
<i>Índice de passagens bíblicas</i>	175
<i>Índice remissivo</i>	181

PREFÁCIO

Nós, ocidentais, somos muito preocupados com a alimentação, o que não é de espantar. Comerciais de televisão, anúncios em revistas e jornais, outdoors à beira de estradas, folhetos promocionais espalhados pelas ruas, seções em revistas e até mesmo periódicos inteiros dedicados à dieta e à gastronomia nos lembram constantemente do fascínio que a comida desperta e do prazer que proporciona. Por todos os lados, restaurantes ostentam diferentes estilos e especialidades, redes de fast-food e cafeterias se multiplicam e supermercados estocam alimentos atraentes que disputam nossa atenção. Não é à toa, portanto, que estocamos mais comida que o necessário e acabamos jogando fora o que não comemos ou perdeu a validade. Também não surpreende o fato de comermos demais, nem de a obesidade causada pelo hábito de “beliscar” ter se tornado um dos grandes problemas da atualidade. A provisão de alimentos não está entre as dificuldades que enfrentamos no mundo ocidental.

Mas não é assim em todo lugar.

Cerca de um terço da população mundial — mais de dois bilhões de pessoas — sofre com subnutrição e fome crônica por viver em regiões de frequente escassez de alimentos. Isso quer dizer que essas pessoas famintas estão sempre sentindo fome? Na verdade, não. Não só é possível driblar a fome desviando a atenção para outras coisas, como todos sabemos por experiência própria, mas também, infelizmente, é possível se acostumar a nunca ingerir o suficiente, fazendo com que o corpo se habitue a funcionar sempre com menos do que precisa. A energia, então, se esvai, o apetite desaparece e a letargia se instala. A inanição, algo que todos já vimos alguma vez na televisão — quando não ao vivo —, deixa os olhos sem brilho, a feição estática e a fala lenta. Perde-se a vitalidade. A pessoa continua viva, mas a apatia causada pela

inanição denuncia o que ela está perdendo por falta de alimento. Ela precisa de refeições adequadas e regulares e precisa com urgência — o que explica por que o mundo civilizado prioriza tanto o combate à fome.

Além disso, a fome não é a única causa da subnutrição desumanizadora. Manter, por períodos prolongados, uma dieta não balanceada — pobre em proteínas, por exemplo, e com baixa ingestão de calorias — pode produzir os mesmos efeitos. A anorexia torna-se então uma autoinanição. Assim, é possível definhar, mesmo vivendo em meio à abundância. Trágico? Sim, porém real, como muitos de nós sabem.

CRISTÃOS SUBNUTRIDOS

Essas reflexões ilustram minha perspectiva ao escrever este livro. A cada ano que passa, sinto-me cada vez mais aflito diante da sensação de que os cristãos ocidentais mais conservadores, tanto protestantes quanto católicos romanos, estão, se não em estado de inanição, ao menos gravemente subnutridos. Esse estado se deve à falta de determinado ministério pastoral e que foi fundamental na vida da igreja tanto nos primeiros séculos do cristianismo como na era da Reforma e da Contrarreforma na Europa Ocidental, mas praticamente caiu em desuso nos dias atuais. O ministério a que me refiro é a *catequese*. Consiste no ensino deliberado e sistemático das verdades segundo as quais os cristãos são chamados a viver, associado à instrução, igualmente deliberada e sistemática, sobre como devem cumprir esse chamado.

UMA DISCIPLINA ESSENCIAL PARA TODA A IGREJA

A catequese, disciplina que é, ou deveria ser, fundamental e contínua para cristãos dos nove aos noventa anos, tem diferentes níveis, a depender da faixa etária envolvida, de modo que sua perspectiva, estilo e ênfase variam naturalmente. Há também diferentes formas

de catequizar — por pergunta e resposta, *individualmente*; por apresentação oral ou escrita para um grupo, seguida de discussão monitorada; por fórmulas de memorização e máximas para fixação; ou pelo tradicional sistema escolar de explanação didática para uma classe de alunos —, mas, na essência, o processo é sempre o mesmo. Na Bíblia esse processo é denominado simplesmente instrução, e, com base nisso, podemos chamá-lo também de discipulado.

Apesar de fundamentada na Bíblia, a catequese não é exatamente um estudo bíblico, e, apesar de inspirar devoção ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, ela é, em si, uma disciplina que envolve a reflexão na presença de Deus, e não a comunicação direta com a Santa Trindade ou com qualquer das três pessoas que a compõem. Sua intenção é gerar cristãos conhecedores da fé que professam e capazes de explicá-la a todos os que dela lhe perguntem, de defendê-la perante céticos e de pô-la em prática na evangelização, na comunhão da igreja e nas mais diversas formas de serviço a Deus e ao homem que as circunstâncias exigirem. Como disciplina voltada para a nutrição espiritual, pode se dizer que a catequese corresponde ao círculo menor de um alvo usado para a prática do arco e flecha, do arremesso de dardos ou do tiro. As reuniões de estudo bíblico e oração miram os círculos maiores do alvo, mas é a catequese — esse processo contínuo de instrução e discipulado — que acerta o alvo na mosca. O fato de a catequese para todas as idades estar hoje fora do currículo da maioria das igrejas é, portanto, uma perda inestimável, que, como dito anteriormente, tem deixado muitos cristãos subnutridos e, por consequência, espiritualmente sem forças.

A VERDADE CRISTÃ E SUA APLICAÇÃO

A essência do material usado na catequese está no fato de ele associar a formulação da verdade cristã (ou seja, da ortodoxia) à aplicação dessa verdade na vida cristã (isto é, à obediência, ou, como tem sido chamada recentemente, à ortopraxia). Muitas das cartas pastorais do Novo Testamento são exemplos clássicos disso.

Vejamos rapidamente duas delas: a epístola de Paulo aos cristãos em Roma e a anônima epístola aos Hebreus, isto é, aos membros das congregações judaico-cristãs. Ambos os documentos são (1) *querigmáticos*, ou seja, proclamam a salvação por meio de Jesus Cristo, e (2) *didáticos*, ou seja, organizados logicamente para fornecerem um fluxo único de pensamento fundamentador. Portanto, eles são também (3) *catequéticos*, uma vez que demonstram como o fato de *crer corretamente exige viver corretamente* por meio de uma fé ativa em resposta ao Cristo crucificado, ressurreto e entronizado, em resposta a tudo o que é e será nosso nele e por meio dele, bem como em resposta aos planos de Deus Pai que embasam essa salvação e essa esperança (Colossenses, Efésios e 1Pedro têm esse mesmo caráter catequético, mas não trataremos dessas cartas aqui). O intuito catequético de Romanos e de Hebreus torna-se evidente assim que percebemos qual é a sua substância doutrinária e que impacto essas cartas pretendem produzir nos leitores a que se destinam.

Conquanto os *leitores* de Romanos e de Hebreus fossem diferentes (Romanos endereçava-se, sobretudo, a convertidos não judeus, e Hebreus principalmente a judeus cristãos), e embora sejam diferentes tanto o *estilo* dos autores das duas epístolas quanto a situação dos dois públicos-alvo, ainda assim observamos que os *ensinamentos* fundamentais descritos a seguir são transmitidos em ambas as epístolas de maneira complementar.

DOIS PONTOS POSITIVOS

1. A REVELAÇÃO DE DEUS EM E POR MEIO DELE DE JESUS CRISTO, AQUELE QUE TRAZ A SALVAÇÃO E DE QUEM AMBOS OS AUTORES FALAM COM AUTORIDADE

Jesus Cristo é o Filho de Deus, uma Pessoa distinta dentro da unidade divina, o qual deve ser adorado assim como o Pai (Rm 1.4; 9.5; Hb 1.1-14).

Jesus Cristo é o Filho de Deus encarnado, integralmente divino em sua humanidade, a quem em amor o Pai enviou a este mundo para salvar os pecadores (Rm 1.3-7; 16.25-27; Hb 2.5-18).

Jesus Cristo deu a vida, conforme a vontade do Pai, como sacrifício expiatório pelos pecados. Ele foi ressuscitado dentre os mortos pelo poder de Deus, hoje vive e reina, e um dia voltará para o julgamento final e para completar a nossa salvação de todo pecado e de todo mal. Por meio de Jesus Cristo, o mediador, seres humanos pecadores são reconciliados com Deus, justificados e perdoados por ele, a quem lhes é franqueado acesso permanente. Pelo fato de Cristo os ter alcançado, são adotados como filhos de Deus, tornam-se herdeiros de Deus com Cristo, e recebem a garantia do eterno amor do Pai (Rm 2.5-16; 3.21—5.21; 8.15-23, 31-39; Hb 2.10-18; 8.1—10.23; 12.5-11,22-24).

Jesus Cristo é o Senhor entronizado a quem os cristãos devem adorar e invocar, em cujo socorro devem confiar, e a quem devem servir por toda a vida (Rm 10.8-13; 13.14; 14.17,18; Hb 4.14-16; 12.1-3; 13.7-15).

Jesus Cristo confere aos que nele creem sua própria vida ressurreta, por meio da fé que os une a ele. Essa contínua transformação dos cristãos rumo a plena semelhança de Cristo, tanto no agir como no pensar, é efetuada pelo Espírito Santo e expressa pelo batismo (Rm 6.1—7.6; Hb 8.10-12; 10.16,17).

2. A RESPOSTA QUE SE REQUER DOS PECADORES, AQUELES QUE SE TORNAM OS BENEFICIÁRIOS DA SALVAÇÃO E A QUEM AMBOS OS AUTORES DIRIGEM ORIENTAÇÃO PASTORAL

Requer-se *fé*. *Fé* é um termo técnico do Novo Testamento. Significa incondicionalmente aceitar a Deus, confiar em Deus e obedecer a Deus, atitude que se desdobra em três vertentes: a Palavra de Deus, ou seja, os ensinamentos do Antigo Testamento e dos autores apostólicos em si; as promessas de Deus, de forma categórica; e o Filho de Deus, de maneira pessoal. Fé é crença

mais compromisso, certeza mais lealdade, devoção mais discipulado. A fé vem da *compreensão* do evangelho, a qual decorre do seu *aprendizado*, que, por sua vez, resulta de seu *ensino* (Rm 1.16,17; 4.1—5.11; 10.5-17; 14.1-4, 20-23; Hb 2.1-4; 3.1-6; 4.14-16; 5.11—6.12; 10.19—12.2).

Requer-se *arrependimento*. Arrepende-se, algo que decorre da fé, é virar as costas, contrito, para antigas atitudes e hábitos egocêntricos, escravizados ao pecado, e voltar-se para Cristo, a fim de se tornar seu seguidor fiel e obediente, praticando o arrependimento e buscando a santidade como projeto de vida (Rm 2.4; 6.12-23; 13.12-14; Hb 6.1-6; 12.1-4,14-17).

Requer-se *esperança*, que por sua vez motiva a *perseverança*. Ambas são fruto da fé em ação. Esperança é a certeza, assegurada por Deus, de que boas coisas virão; perseverança é a atitude de agarrar-se a essa esperança diante das tentações e do desejo de abandoná-la (Rm 5.1-5; 8.23-25; 15.4-13; Hb 3.6; 6.11-20; 10.23; 11.13-16).

Requer-se *amor*. Os objetos de amor em geral são Deus, nossos irmãos na fé e o nosso próximo. Amar a Deus é ser grato por sua graça e diligente em fazer sua vontade para agradá-lo. Amar aos irmãos é recebê-los bem e manter um ambiente acolhedor para eles no âmbito da comunidade cristã, servindo ali às suas necessidades físicas e espirituais, encorajando-lhes no discipulado e tendo cuidado para, por imprudência, não ser pedra de tropeço para eles. Por fim, amar ao próximo, seja ele quem for, é ser amável e solícito, fazendo o bem, compartilhando recursos e abdicando de toda espécie de vingança e retaliação em todo tempo (Rm 8.28; 12.6-13; 13.8-10; 14.13-22; Hb 10.24,25; 13.1-5,15,16).

OS ELEMENTOS ESTRUTURAIS DA IGREJA DO SENHOR

Esses pontos positivos são a base da catequese que as duas epístolas fornecem para o discipulado individual dos crentes, os elementos estruturais humanos da igreja do Senhor. Igualmente baseada na

Bíblia, como os fundamentos supracitados, a instrução catequética sobre a igreja e a vida eclesiástica seria o passo seguinte no processo de discipulado (para o qual podemos sugerir as cartas de Paulo aos Efésios, a Timóteo e a Tito como as principais fontes neotestamentárias).

Note que, em Romanos e Hebreus, os pontos positivos que destaquei como, digamos, o cerne da mensagem do discipulado foram em sua maioria expostos em contextos implicitamente, se não explicitamente, de exortação — nos quais erros, inadequações e conceitos equivocados foram expostos para serem abolidos. Pôr os pingos nos is, no sentido de dizer “não é assado, mas assim”, na verdade faz parte do próprio processo catequético. Os educadores sabem que, assim como o branco parece mais branco sobre um quadro negro e o preto parece mais preto sobre uma tela branca, da mesma forma os conceitos são compreendidos mais facilmente e com maior clareza quando contrastados com o que não significam. Portanto, a catequese (instrução e discipulado) eficiente, do mesmo modo que o próprio ensino bíblico, precisa explicitar as ilações positivas e negativas, a fim de alcançar a maior clareza possível em sua compreensão e aplicação.

ALIMENTO ESPIRITUAL PARA TODOS OS CRISTÃOS

Entendo que a função de um prefácio seja fornecer ao leitor uma prévia do assunto a ser tratado no livro, indicando seu propósito, seu escopo e, se assim me permitem dizer, sua sintonia. Espero que essas primeiras páginas tenham cumprido esse papel para este volume. Nos capítulos incluídos neste livro, eu me aventuro no terreno da catequese adulta, instruindo a mente e formando um juízo sobre verdades fundamentais que são contestadas com frequência nos dias de hoje. Por terem sido produzidos separadamente, com intervalos de quatro meses entre um e outro, algumas repetições foram inevitáveis; mas peço que isso seja relevado agora que eles foram reunidos.

Como anglicano, escrevo com um senso de urgência em responder às tendências mais recentes observadas no contexto da minha igreja. Os leitores não anglicanos, contudo, reconhecerão muitas dessas tendências em seu círculo denominacional e talvez julguem que este livro aborda de maneira clara a situação, os desafios e as preocupações que enfrentam. Dessa forma, apesar de escrever na esperança de ajudar irmãos anglicanos a amadurecer na fé, não há nada de exclusivo nessa necessidade ou nesse objetivo. Ofereço exemplos da minha experiência anglicana; porém, antes de ser anglicano, sou evangélico, e procurei escrever de modo que todos os evangélicos — e os que seriam ou deveriam ser evangélicos — sejam beneficiados. As questões ao final de cada capítulo têm um viés anglicano, mas não creio que cristãos de outras vertentes que levem a sério seu compromisso cristão as julgarão infrutíferas para meditação e discussão dentro de seu terreno denominacional.

Assim, minha oração é que Deus use este material para (1) firmar cristãos sérios de maneira mais profunda e decidida nos fundamentos de sua fé; (2) mobilizá-los a deixar a apatia que a subnutrição teológica e espiritual trouxe a tantos de nós; e (3) ajudar-nos todos a levar a sério a comissão dada pelo Senhor e seus apóstolos — de primeiramente sermos e, então, fazermos discípulos em todo lugar, a começar pelo local onde estivermos. Essa é a importante missão do cristão. Deus, faz com que a ela nos dediquemos com seriedade.

LEVANDO A FÉ A SÉRIO

Quando uma pessoa passa por crises convulsivas, medicamentos paliativos podem acalmá-la momentaneamente, mas, em longo prazo, é necessário diagnosticar a causa primordial do problema e tratá-la. O mesmo acontece hoje em dia com as igrejas ao redor do mundo, inclusive com as da Comunhão Anglicana, cujo corpo de membros soma mais de setenta milhões e cresce a passos largos na Ásia e na África. Assim como pedrinhas jogadas em um lago convulsionam a superfície da água, também tem convulsionado o anglicanismo mundial a tão divulgada decisão episcopal no Canadá de abençoar uniões entre pessoas do mesmo sexo como se fossem casamentos, bem como a consagração nos Estados Unidos de um bispo diocesano que vive sem disfarces uma união desse tipo. Grupos de pressão e blocos de liderança surgidos nos “velhos rincões ocidentais” do anglicanismo (Grã-Bretanha, América do Norte, Australásia ou Oceania) resolveram lutar por essa questão até a aprovação definitiva do casamento gay. As tensões acerca do problema entre províncias, dioceses e congregações, bem como dentro delas, tornaram-se intensas, e não há solução à vista.

Qual seria, então, a causa primordial dessas convulsões? O que seria preciso para superá-las? O fato que temos de enfrentar é que, do ponto de vista da função pastoral, o conflito de opiniões sobre a maneira de enxergar e cuidar de homens e mulheres homossexuais provém de uma divergência mais básica a respeito da fé. Mapear essa questão e sugerir formas de lidar com ela é nossa tarefa atual.

O QUE É FÉ? UMA PALAVRA POLISSÊMICA

Não é fácil compreender as divergências existentes na atualidade a respeito da fé, visto que a própria palavra *fé* é utilizada de maneira imprecisa e, na verdade, tem significado diferente para pessoas diferentes, apesar de não se reconhecer tal fato, em geral. A maneira pela qual as igrejas nos “velhos rincões ocidentais” procuram transmitir unidade é referindo-se constantemente à fé — em orações, sermões, livros e discussões — como uma característica comum a todos os que adoram ao Senhor, mas sem definir ou analisar sua essência, de modo que os adoradores podem passar anos sem nenhuma noção clara daquilo que sua igreja defende. Os teólogos são categóricos em afirmar que, ao menos em tese, a fé vai além da mera ortodoxia (crer na verdade) e abrange também a ortopraxia (viver a verdade em adoração e serviço, em amor a Deus e ao próximo) — e, ao dizerem isso, estão corretos. No entanto, quando alguns acreditam que a ortodoxia permite certos comportamentos que outros entendem serem proibidos por ela, fica claro que falta consenso sobre a verdade pela qual vivemos, e é isso que temos de examinar agora.

Para complicar nossa tarefa, há ainda o fato de que todas as vertentes da dimensão da vida que chamamos religião (islamismo, hinduísmo, budismo, judaísmo, bahaísmo, vuduísmo, siquismo, nova era, cientologia e todas as demais) costumam ser colocadas num mesmo grupo junto com as várias vertentes do cristianismo (catolicismo romano, catolicismo ortodoxo, protestantismo conservador, protestantismo liberal) como se fossem muitas *expressões de fé*. Esse costume faz parecer que todas as religiões devem ser vistas como essencialmente semelhantes — o modo provável pelo qual a maioria dos ocidentais pós-cristãos de fato as vê, embora na igreja essa ideia seja francamente minoritária. Além disso, usamos o termo *fé* para nos referir a qualquer esperança de futuro que alguém cultive ou pela qual viva (como, por exemplo, a esperança de que a ciência salvará o planeta da destruição; ou de que não haverá outra crise econômica como a de 1929; ou de que esta ou aquela pessoa desaparecida será encontrada viva; ou de que aquele câncer será